

Falar sobre o meu pai acaba por ser um pouco difícil, exatamente por ser tão fácil, já que são muitas as memórias do meu pai que se mantêm vivas e inspiradoras dentro de mim. Sempre vi o meu pai e a minha mãe como pessoas muito especiais e predispostas a compreender as mudanças que são a matéria-prima de todas as histórias e da própria História.

Um dos poetas preferidos do meu pai era Fernando Pessoa – aliás nosso vizinho, no sentido em que morámos durante anos na Rua Coelho da Rocha, onde o poeta de *Orfeu em tempos* também morara. Num dos seus poemas, sob o heterónimo de Álvaro Campos, Pessoa confessava que “gostava de gostar de gostar”. Poema que em relação ao meu pai era no mínimo paradoxal, por se tratar de uma máxima que em nada se aplicava a ele, que gostava mesmo de gostar de gostar. Gostava acima de tudo de gostar das pessoas, dos amigos, dos colegas, da família, dos vizinhos, dos funcionários que o atendiam nos cafés e nas lojas de Campo de Ourique. Com todos ele gostava de conversar, com todos ele gostava de rir. Ria-se muito. Ria-se dos filmes do Charlot, dos desenhos animados do Speedy Gonzalez, do Pernalonga e do Bip-Bip. Lembro-me que ele se riu muito, no “Astérix nos Jogos Olímpicos”, quando os soldados romanos ficaram com as línguas azuis depois de terem bebido às escondidas a poção mágica.

Gostava das coisas simples da vida. Gostava de desporto, gostava de gostar de futebol, amava o Benfica – a cuja direção pertenceu – e admirava jogadores como Eusébio, Pelé ou Maradona.

Gostava de gostar de pintores como Picasso, Goya, Gaugin ou Van Gogh. Gostava de escritores como Dostoievsky, Tolstoi e Dante, mas também de José Saramago, Aquilino Ribeiro, Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco, que considerava o grande mestre da língua portuguesa.

Gostava de gostar de nos contar como a genial obra de Igor Stravinsky “A Sacração da Primavera” transgrediu todos os cânones da época e provocou escândalo entre a burguesia parisiense que nada percebia de música. Também gostava de gostar de Bach, Mozart e Beethoven. Tal como gostava de gostar da música de Louis Armstrong, Frank Sinatra ou Juliette Gréco, para além da dos portugueses Fernando Lopes-Graça, José Afonso e Carlos Paredes.

À mesa gostava de nos falar dos filmes que mais gostou de gostar na vida, como o “Ladrão de Bicicletas” de Vittorio de Sica, “Roma Cidade Aberta” de Rosselini, “Leopardo” de Visconti ou “Couraçado de Potemkin” de Eisenstein. Descrevia com especial suspense a intriga de “M: Matou” de Fritz Lang, cujo assassinatos eram antecedidos por um intrigante assobio, o que só era possível concretizar devido aos avanços do cinema sonoro.

Gostava de gostar de personagens como Bertrand Russel, Albert Einstein e Madame Curie. Contava-nos à mesa as histórias menos afortunadas de heróis seus como Arquimedes, René Descartes, Anastácio da Cunha e Évariste Galois. Lendas da história da ciência e do conhecimento, que eram os seus verdadeiros heróis. E, assim, foram também heróis que povoaram o meu imaginário desde a mais tenra infância, fazendo-me perceber desde cedo que a verdadeira riqueza das nações reside no conhecimento que produzem e que a ignorância é sempre a maior inimiga de todas as civilizações.

João Peste Guerreiro